

A pandemia e os povos indígenas

Na minha pesquisa sobre a fronteira na história da antropologia está presente a preocupação em valorizar os conhecimentos de povos indígenas específicos. Tenho dialogado nos últimos anos com estudantes universitárias de diferentes etnias que mantêm seus vínculos étnicos com os seus povos e os meios onde vivem. A comunicação eletrônica - que nos insere na dinâmica acelerada de informações - viabiliza o contato constante com nossos interlocutores mesmo que estejamos em regiões tão distantes entre si – como o SE, o NE e a Amazônia tanto em termos espaciais quanto sociais.

No Brasil, o contato com os povos indígenas foi condicionado pelo impacto violento da conquista e da colonização dos territórios nativos. Os indígenas têm transmitido de geração a geração o conhecimento sobre o que os atingiu. Depoimentos que recebemos mostram que enquanto membros desses povos conhecem os significados de palavras como gripe, ou vírus que remetem à lembrança das epidemias que dizimaram seus antepassados. Revelam o quanto essas indígenas valorizam positivamente o conhecimento dos avôs, dos anciãos e de todos aqueles que estão em contato direto com a terra, o meio em que nasceram, cresceram, criaram família e viram despontar novas gerações. Sem dúvida é preciso cuidar para que o patrimônio compreendido por esses territórios, culturas e seus guardiões sejam salvaguardados. Para isso deve lhes ser garantido o direito de vigilância sobre os limites que permitam assegurar a sua integridade física e cultural. E que os apoiemos para que seu conhecimento como primeiros brasileiros possa perdurar de geração em geração.

Vivemos hoje sob um forte impacto de informações que são veiculadas em rede pelos meios de comunicação. Isso não quer dizer que se trate de conhecimento fundamentando cientificamente. O que dizer então das ciências humanas que requerem o estudo sistemático de teorias e suas aplicações que são checadas com base na observação direta não podem prescindir, no caso da história, da museologia e da antropologia do exame de testemunhos e também do diálogo. Além disso não se pode ir muito longe nessas áreas sem a vigilância da dúvida sistemática sobre opiniões tidas como verdadeiras, sem a reflexividade de sujeitos pensantes e que não se contentam com afirmações óbvias. Valorizar o conhecimento em ciências humanas e sociais, implica o reconhecimento dos testemunhos de quem se tornou sábio pela experiência acumulada. Para Walter Benjamin, o narrador por excelência é o moribundo, aquele que está com contato direto com a morte e que por isso tem algo a dizer para as gerações que o irão suceder. Na nossa sociedade regida pela informação disseminada em larga escala esse tipo de “guardiões da cultura” são desprezados, já eu tudo se torna descartável e o que importa é admirar o corpo jovem, belo, desejável.

Quando estudantes indígenas que voltam para os seus grupos de proveniência dizem que consideram que é preciso salvaguardar esses conhecimentos estão valorizando positivamente o apego aos seus avôs e avós, ao seu pai e à sua mãe e aos princípios morais que aprenderam desde a sua primeira infância. Entre outras práticas as ciências humanas e sociais valorizam esse entendimento regido por princípios éticos que valorizam a postura compreensiva. E isso não pode ser descartado pelas chamadas ciências exatas que sabem que todo o saber tem algum tipo de relação com o social e sendo assim não pode prescindir do diálogo entre as pessoas para a construção de interesses comuns.

Situação dos Tupinambá de Olivença em meio à Pandemia do coronavírus

Nós, Povo Tupinambá de Olivença, localizados em parte dos municípios de Ilhéus, Una e Buerarema, também estamos vivendo dias de muita tensão em razão da pandemia causada pelo corona vírus a nível mundial. Sou Marcineia Tupinambá, professora, e falo sobre as comunidades Tupinambá do litoral, da região de Olivença, em Ilhéus/BA.

Desde o dia 16 de março, por meio do decreto 19.529/2020 do governo do estado da Bahia que decretou medidas temporárias para enfrentamento do Corona vírus como uma emergência de saúde pública, que as aulas na escola que eu trabalho foram suspensas. A partir de então, com as escolas indígenas paralisadas e todas as demais, caímos na realidade do que realmente estava acontecendo. Logo na semana seguinte, o prefeito de Ilhéus suspendeu o transporte coletivo e no mesmo período também os intermunicipais.

O primeiro paciente infectado aqui no município de Ilhéus, aconteceu no dia 26 de março e até a presente data foram notificados oito casos. Como nós Tupinambá de Olivença estamos mais próximos da cidade de Ilhéus, tememos que o vírus entre na aldeia. Dai que todos estamos em isolamento social, dentro das comunidades. Foram suspensas as reuniões nas comunidades, o Poransyn, atendimento médico na comunidade, mutirões e quaisquer outras atividades tradicionais do nosso povo que tenham aglomerações. A maioria das retomadas estão fechadas e só entram os moradores.

Todas as comunidades estão utilizando meios de controlar e proibir a visita de pessoas de fora da aldeia, temendo o contágio. Temos muitas crianças e idosos, gestantes, pessoas em comorbidade, crianças recém nascidas e por essa razão, tememos uma tragédia se caso o vírus entrar na aldeia. Os cuidados se redobram quando precisamos ir à cidade fazer compras no mercado e à farmácia. Como estamos sem transporte público, estamos indo de carro próprio e sempre quando uma pessoa quando vai à cidade, se oferece para comprar algo para um parente que tiver precisando. Estamos vivendo/sobrevivendo dessa forma, na coletividade, na união, mas todos em suas casas, até superar esse momento difícil.

Marcinéia Vieira de Almeida Santos Tupinambá